

APRESENTAÇÃO

*Zeila de Brito Fabri Demartini*¹

Este número dos Cadernos CERU trata da temática de migrações internacionais, sendo constituído por doze artigos e uma resenha sobre o livro “Os Açores na política interacional” de José Medeiros Ferreira.

A preocupação com questões relacionadas às migrações internacionais data, no Brasil, de muito tempo: por parte das autoridades brasileiras, desde pelo menos meados do século XIX, com vistas à ocupação do território por meio de projetos de colonização; para atender às demandas do setor agrário, apoiando a entrada de imigrantes. Esses imigrantes eram, primeira e principalmente, europeus, em substituição à mão-de-obra escrava. Essa preocupação também visava ao branqueamento da população, segundo o projeto eugenista, defendido por muitos, que viam negros e índios como não adequados ao desenvolvimento da nação brasileira “civilizada”. Também estava presente há mais de um século uma inquietação entre os estudiosos com relação às sucessivas levadas de diferentes grupos imigrantes que chegavam e exigiam atendimento a suas demandas básicas e os conflitos oriundos da nem sempre tranquila convivência entre os moradores mais antigos e os mais novos. Os novos costumes, que iam sendo introduzidos com o crescimento demográfico de regiões e cidades, as “perigosas” ideias políticas que os recém-chegados traziam, entre outras questões, foram se disseminando e exigindo reflexão e análise, o que se ensinava com o crescimento dos cursos superiores e de instituições governamentais que demandavam dados para a elaboração de políticas públicas. Assim, historiadores, demógrafos, geógrafos, economistas, cientistas sociais e também estudiosos que faziam parte dos próprios grupos imigrantes, passaram a observar e descrever os processos de chegada e

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Metodista de São Paulo, pesquisadora IC e consultora ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e diretora de pesquisa no Centro de Estudos Rurais e Urbanos. E-mail: zeila@usp.br.

inserção dos mesmos no território nacional. Muitas vezes, havia para tanto o apoio das próprias nações de origem desses grupos, interessados em exercer um controle sobre os mesmos.

Nos países de origem (como foi o caso da Itália, Japão, Alemanha, entre outros) havia grande preocupação com a forma como os imigrantes eram tratados no Brasil e neste, uma ansiedade crescente com a possibilidade de que grupos de estrangeiros constituíssem aqui os chamados “quistos étnicos”, considerados ameaçadores da soberania nacional.

Olhar para a história do Brasil a partir da primeira metade do século XIX até os dias atuais, sob diferentes enfoques (político, econômico, demográfico, social, cultural), significa levar sempre em conta contínuos fluxos de imigrantes que foram se deslocando para seu território.

Também mereceram atenção, no caso brasileiro, principalmente a partir da década de 1980, os deslocamentos de brasileiros para vários países do mundo (Estados Unidos, Canadá, Japão, países europeus etc.). Centenas de milhares de brasileiros foram tentar a vida no exterior.

Os mesmos fenômenos ocorreram em outros países da América do Sul, envolvendo deslocamentos da Ásia e da África, bem como da e para a Europa, do mesmo modo como entre os próprios países do continente americano. Nas últimas décadas vários estudos têm focalizado os fluxos entre os países da América, geralmente de regiões menos desenvolvidas (Bolívia, Haiti, Paraguai, Peru) para aqueles considerados pelos imigrantes como tendo possibilidades de oferecerem melhores condições de vida (caso dos Estados Unidos e até do Brasil, da Argentina e do Chile).

Este dossiê trata de alguns desses deslocamentos procurando focalizar os diferentes projetos, sonhos, esperanças, estratégias de sobrevivência e de trabalho, tensões e conflitos vivenciados por imigrantes de diferentes origens em diversas regiões da América do Sul, especialmente no Brasil e na Argentina. Ao mesmo tempo, os artigos explicitam as metodologias que fundamentaram suas pesquisas e as fontes consultadas, sugerindo ao leitor caminhos alternativos de investigação. Ao analisarem as situações enfrentadas pelos sujeitos em seus deslocamentos e tentativas de inserção em novos contextos, os artigos contribuem para a discussão das políticas voltadas para o atendimento aos mesmos, especialmente com relação aos Direitos Humanos.

O artigo que abre o dossiê, de Marta Maffia, trata dos caboverdeanos, detalhando o processo de pesquisa que foi desenvolvido desde 1979 para compreender a trajetória desse grupo, na Argentina desde o início do século XX até os dias atuais. Analisa o processo migratório focalizando a escolha da Argentina como destino, com base nos conceitos

de cadeias e redes migratórias, os processos de chegada, os lugares de inserção e principalmente o pertencimento étnico do grupo, as questões identitárias, a invisibilidade, o associativismo com suas tensões e a relação entre as novas e velhas gerações. A pesquisa, ao acompanhar os imigrantes, observa que os jovens começam a reconhecerem-se como afrodescendentes, repensando a invisibilidade, lutando contra a discriminação e pelo reconhecimento de seu lugar no passado, presente e futuro da Argentina. Como afirma a autora, *“El historiar este pasado nos permite analizar y comprender mejor la última década de intensa actividad de las organizaciones de caboverdeanos en la Argentina, en la cual nuevas estrategias de comunicación, de visibilización y de participación son pensadas y puestas en marcha”*. O artigo permite pensar na importância do acompanhamento por período dos deslocamentos dos grupos de imigrantes, o que demanda dos estudiosos não só uma formação teórico-metodológica sólida, como foi evidenciado, mas uma continuidade nas relações pesquisadores-sujeitos para além dos prazos estipulados nos projetos de pesquisa. Só assim vão sendo visualizadas as marcas de cada grupo de imigrantes na constituição dos contextos que se inserem. É um artigo que sugere abordagens e posicionamentos dos pesquisadores sobre migrações internacionais.

Os cinco textos seguintes referem-se a deslocamentos recentes.

Analisando também deslocamentos para a Argentina, Bernarda Zubrzycki e Lina Fernanda Sánchez Alvarado abordam os senegaleses, focalizando especialmente a heterogeneidade do grupo e os projetos migratórios daqueles que integram as diferentes redes migratórias. Para a construção destas redes realizou-se um trabalho etnográfico que implicou em acompanhamento da comunidade senegalesa estabelecida no setor comercial na cidade de Buenos Aires. A observação de três redes evidenciou que não há um projeto único: alguns senegaleses têm como objetivo o reagrupamento familiar no destino, enquanto para outros a vida se desenvolve em uma família transnacional.

Dois artigos tratam da migração haitiana para o Brasil, o de Sidney Antônio da Silva “Braços para toda obra? Os haitianos e o mercado de trabalho no Amazonas”, e o de Bernartt, Piovezana, Pezarico, Bordignon e Giacomini, “Diáspora haitiana: primeiros estudos sobre impactos para o desenvolvimento urbano e regional nas regiões sul e norte do Brasil”. O primeiro analisa a relação entre migração e trabalho no caso dos haitianos em Manaus, com base no enfoque que vê o imigrante como trabalhador temporário, reduzindo-o, pois à condição de força de trabalho. Fundando-

se em entrevistas coletadas entre 2012 e 2014, o autor traça o perfil desses trabalhadores, que ganham seu pão em diversos setores, geralmente com baixa remuneração, mesmo no caso daqueles que têm diploma de curso superior, dadas as dificuldades para o reconhecimento da formação atingida. Discute a questão da contradição entre o marco regulatório já ultrapassado e preocupado com a segurança nacional e as exigências de respeito aos direitos humanos dos imigrantes e propõe algumas sugestões para que se possa proporcionar uma vida digna aos imigrantes no Brasil.

O segundo artigo sobre a diáspora haitiana tem como base os conceitos de emigração e imigração, sob o enfoque dos direitos humanos. Aborda os diferentes fluxos da diáspora haitiana e traça um breve cenário das migrações após discutir as significações do termo “diáspora”. Diversos trabalhos estão sendo desenvolvidos atualmente nos meios acadêmicos, o que evidencia o interesse por uma situação problemática.

O artigo de Maria da Conceição Quinteiro analisa a situação de mulheres imigrantes vindas de Angola e da Guiné Bissau para São Paulo, com o objetivo principal de obter uma formação por meio do estudo que lhes permitisse melhorar de vida em seu regresso aos contextos de origem. A autora constatou as dificuldades para concretização de seus projetos, como a necessidade de trabalharem geralmente em atividades informais, os vários estranhamentos com relação à sociedade paulistana, em um processo de escolarização intermitente, geralmente em escolas privadas. Assim, não conseguiram ainda obter o curso de nível superior almejado e persistem em ficar, apesar do desejo de retorno definitivo para sua terra natal. Trata-se de artigo que evidencia uma dimensão ainda pouco explorada nos estudos migratórios: o das mulheres que empreendem sozinhas o processo de deslocamento.

Tratando de deslocamentos internacionais em décadas anteriores, estão mais cinco artigos, cujas temáticas se relacionam.

O texto de Gabriela Novaro sobre os bolivianos em um bairro próximo a Buenos Aires, na Argentina, coloca questões importantes para a reflexão sobre os processos de inserção das segundas gerações de jovens imigrantes nesse novo contexto. Para tanto, baseia-se em relatos históricos que interpelam as crianças bolivianas nos contextos familiares, escolares e comunitários. Discute as tensões que acompanham as famílias, principalmente dos adultos, pois, ao mesmo tempo em que querem continuar como bolivianos, demandam da escola a inclusão de seus filhos, mas de um modo que respeite sua cultura de origem. As segundas gerações constituem um coletivo que, segundo a autora, é fortemente tensionado

pelos processos de construção da memória e a transmissão intergeracional de referências de identificação. Pode-se afirmar que são questões que permeiam os deslocamentos dos imigrantes que se deslocam com suas famílias.

O artigo de Zeila de Brito Fabri Demartini discute a importância de se considerar a narrativa das mulheres imigrantes dos vários grupos que foram chegando ao contexto paulista. Aborda as imigrantes de origem portuguesa provenientes de dois fluxos ocorridos na segunda metade do século XX: as que moravam em Portugal e as que residiam na África antes da partida. A autora explora as condições de sua vinda e sua inserção na sociedade paulista, as experiências vivenciadas nos contextos de origem e nesse novo contexto brasileiro tão distinto. Observa que meninas e mulheres portuguesas carregaram em suas vivências as marcas da educação tradicional portuguesa com relação às mulheres, pois nos deslocamentos o modelo geralmente seguido pela geração mais velha era o da subalternidade das mulheres. A vinda para São Paulo trouxe novas necessidades às famílias e aos filhos, implicando principalmente na maior inserção das mulheres no campo do trabalho, formal ou informal, assim como transformações nas vivências dos espaços da casa, do campo educacional, das relações sociais, embora para algumas significasse perdas de “modos de vida” que consideravam melhores. Ao analisar as narrativas das imigrantes e as subjetividades dos relatos das mulheres, elaborados muitos anos após os deslocamentos, observa que se o tempo pode alterar as memórias e introduzir novas interpretações das mulheres aos fatos vividos, também pode permitir a abordagem de temas que seriam “proibidos” no momento em que os vivenciaram.

Mazza, Spigolon e Ferreira abordam a questão da memória de mulheres que enfrentaram o exílio a partir de 1970 e 1971 para poderem sobreviver após o golpe de 1964 no Brasil. A fonte dos dados são os depoimentos de quatro mulheres, três dos quais analisados enquanto fonte secundária, desde que já tinham sido publicados, e um, como fonte primária, inédita, portanto, colhido pelas autoras. O conceito de exílio é discutido de forma profunda e confrontado com o de diáspora. Segundo as próprias autoras, é “uma história coletiva, despersonalizada, que apresenta elementos dos depoimentos selecionados...”. Visaram identificar pontos de convergência e divergência entre essas memórias sobre as trajetórias e as transformações que sofreram no exílio.

O texto de Maria Christina S. de Souza Campos trata também da imigração portuguesa para o Brasil com base nos conceitos identidade,

identidade étnica e memória de Hale, Pollack, Marieta Severo e Pollak, especialmente. Compara as condições dos imigrantes chegados ao fim do século XIX, vindos para o interior do Estado de São Paulo para trabalhar na cultura do café. A própria situação em que estavam, trabalhando ao lado de imigrantes de outras procedências contribuiu para a não formação de colônias e para uma integração mais rápida. Os que se dirigiam à cidade de São Paulo vieram residir próximo a outros já instalados, principalmente em bairros da zona norte. A estabilidade financeira, proporcionando melhores condições de vida, levou-os muitas vezes a criarem instituições onde podiam se reunir, cultivando as tradições e a comida da região de viagem.

Também sob uma perspectiva histórica, o artigo de Rafael da Silva e Silva analisa uma dimensão importante da imigração japonesa no Brasil: a atuação da Sociedade de Difusão de Ensino de Japoneses no Brasil, focalizando sua presença na Baixada Santista e Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, que recebeu o maior número de imigrantes japoneses na primeira metade do século XX. Baseando-se em fontes documentais impressas, em estudos sobre o grupo e em relatos orais de ex-alunos e pessoas relacionadas aos imigrantes japoneses, o autor evidencia como o governo japonês atuava fortemente no contexto paulista por meio das instituições escolares, que recebiam do mesmo grande parte do apoio necessário ao seu funcionamento. Trata-se de artigo importante para a compreensão dos nacionalismos presente no período, das suas formas de atuação e das tensões produzidas.

Finalmente, este número dos Cadernos CERU encerra-se com dois artigos que colocam novas questões.

O texto de Beatriz de Barros Souza, “John Kerry vai ao Quênia: por trás das ameaças de fechamento dos campos de refugiados de Dadaab”, aborda a questão dos campos de refugiados, com base no caso do Quênia, discutindo o tema também na América Latina, onde as divisas territoriais que separam os diversos países acabam recebendo grandes fluxos migratório causando também problemas de grande impacto. São discutidas as relações entre EUA e o Quênia, bem como o papel dos principais atores internacionais. Num ambiente internacional, em que se fazem presentes “múltiplas polaridades e interesses não tão claros”, observa-se que é preciso maior envolvimento da comunidade internacional para que minimamente possam ser respeitados os direitos humanos dos refugiados e seja controlada a xenofobia enquanto violação desses direitos. As questões apresentadas, como bem destaca a autora, também podem ser referidas à

América Latina, na qual essa política ainda não se firmou, mas onde essa reflexão se torna fundamental considerando-se o aumento dos fluxos migratórios para a mesma, em decorrência também das restrições à entrada de imigrantes nos países mais estáveis e desenvolvidos economicamente.

O dossiê encerra-se com o texto de César Rocha Lima, que focaliza a questão da reconversão de muitos brasileiros para o Islã. Analisa uma questão muito nova para os estudiosos neste país. Fala-se atualmente muito sobre conflitos em países de tradição muçulmana, assim como na violência perpetrada por grupos radicais seguidores dessa orientação religiosa, mas ainda são raros os trabalhos que discutem a matéria no Brasil, país de longa tradição de formação católica ou, mas recentemente, de expansão das religiões pentecostais. O estudo baseia-se em entrevistas qualitativas, permitindo que se tenha uma visão interessante e mais aprofundada de um fenômeno novo que aparentemente está se alastrando, seja por ser uma novidade, seja porque a ação dos religiosos islamitas tem sido mais eficaz do que aquela dos pastores e padres cristãos.

Os deslocamentos internacionais colocam, tanto aos pesquisadores e cidadãos como aos governantes, demandas que merecem atenção crescente, considerando a complexidade das questões envolvidas e até a rapidez com que precisam ser equacionadas.

Espera-se que as reflexões deste número dos Cadernos possam contribuir para uma abordagem científica pertinente e propostas de políticas públicas que respeitem os sujeitos envolvidos.